

HERANÇA DO ÍNDICO EM
AS VISITAS DO DR. VALDEZ

HERITAGE OF THE INDIAN OCEAN IN
AS AVENTURAS DO DR. VALDEZ

João Victor Sanches Da Matta Machado¹

¹ Doutor em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pelo Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Resumo: O romance *As Visitas do Dr. Valdez*, de João Paulo Borges Coelho suscitam questões diversas em torno do tema da colonialidade implicada no processo de formação de Moçambique. Sem implicar em uma perspectiva dualista, a narrativa desse autor promove um passeio sobre a história do país através da forma como intercala tempos e espaços distintos da história moçambicana através da relação entre suas personagens. Seja pela figura de Vicente, ou de suas patroas Sá Amélia e Sá Caetana, essas personagens acabam por indicar a negociação necessária dos sujeitos que atravessam o território moçambicano com a origem das heranças que devem encarar na memória impressa em seus corpos delimitados pela relação com a terra e o oceano Índico. Assim, esse trabalho propõe uma leitura do romance de Coelho que permita iniciar um debate em torno da pluralidade de sentidos contidos na elaboração dessa herança – tanto a do colonizado quanto a do colonizador – em especial com a tradição do campo literário moçambicano que sempre privilegiou a relação da identidade nacional com o Oceano Índico.

Palavras-chave: *As Visitas do Dr. Valdez*, literatura moçambicana, herança, memória e identidade nacional.

Abstract: *The novel *As Visitas do Dr. Valdez*, by João Paulo Borges Coelho, raises several questions around the theme of coloniality involved in the process of formation of Mozambique. Without implying a dualist perspective, this author's narrative promotes a tour of the country's history through the way he intersperses different times and spaces in Mozambican history through the relationship between his characters. Whether through the figure of Vicente, or his employers Sá Amélia and Sá Caetana, these characters end up indicating the necessary negotiation of the subjects who cross the Mozambican territory with the origin of the legacies that they must face in the memory imprinted on their bodies delimited by the relationship with the land and the Indian Ocean. Thus, this work proposes a reading of Coelho's novel that allows us to start a debate around the plurality of meanings contained in the elaboration of this heritage – both that of the colonized and that of the colonizer – especially with the tradition of the Mozambican literary field that has always privileged the relationship of national identity with the Indian Ocean.*

Keywords: *As Visitas do Dr. Valdez, Mozambican literature, heritage, memory and national identity.*

As Visitas do Dr. Valdez, do autor moçambicano João Paulo Borges Coelho, é um romance publicado em 2004 que retrata o momento de transição da luta anticolonial que resulta na independência de Moçambique. Esta, de caráter político, não significou o fim das tensões impostas pelo colonialismo ao território moçambicano, e tornou evidente novas problemáticas a serem enfrentadas pela sociedade a partir desse ponto. A narrativa de Coelho se debruça sobre as problemáticas inerentes ao processo revolucionário ao colocar em cena personagens que traduzem a decadência do tempo colonial e a produção de um olhar sobre a cultura moçambicana. A trama do romance se faz em torno do embate realizado entre Vicente e sua patroa, Sá Caetana, em um jogo metonímico referente ao momento de enfrentamento ao contexto do colonialismo. O embate se dá por conta da necessidade de Vicente personificar a figura do Dr. Valdez, médico branco que é interpretado pelo criado como forma de acalmar a irmã de Caetana, Sá Amélia, cuja doença também funciona como metáfora da condição moribunda do imperialismo português.

O romance realiza diversos movimentos analépticos como forma de tornar evidente o peso da relação colonial a partir da história da família das senhoras e da perpetuação de seu poder, agora decadente. Como veremos pela leitura das cenas de *As Visitas do Dr. Valdez*, a temática da herança se encontra, portanto, na própria estrutura da narrativa, que transita entre duas temporalidades. Em especial, observo subordinação herdada

por Vicente que, assim como seu pai e avô, continua a servir a família de Sá Caetana. Porém, o momento da luta anticolonial em que a temporalidade do romance se inscreve, assim como a performance que Vicente realiza como Valdez, impõe a essa personagem a necessidade de repensar essa relação de subordinação histórica.

Como apontado tradicionalmente pela crítica, Coelho escapa ao olhar dicotômico com relação ao colonialismo ao mesmo tempo que evita cair na simplicidade apaziguadora ao pensar a cultura nacional. Assim, como aponta Nazir Ahmed Can em seu texto “O criado, o criador e outras criaturas: notas sobre As visitas do Dr. Valdez e a escrita de João Paulo Borges Coelho”, presente na última publicação do romance pela editora Kapulana:

Em suas obras, aliás, qualquer tipo de mergulho no passado é orientado por um presente repleto de complexidades. E vice-versa. O autor, por isso, interessa menos enquadrar a lembrança em um registro fixo de verdade do que ligá-la a um campo aberto de interrogações e interpelações. (CAN, 2019, p. 12)

Digo isso pois a leitura que realizo pretende se voltar à figura de Ana Bessa, mãe de Caetana e Amélia, para pensar a forma como a herança se coloca a partir dessa figura em sua relação com o Oceano Índico. Ana Bessa parece figurar como elemento capaz de traduzir a condição do povo e do território moçambicano como espaço de expansão dos interesses exploratórios

presentes historicamente no litoral do país. O Índico se torna, ao mesmo tempo, espaço de identificação cultural e violência colonial. Digo isso ao perceber que, por mais que a narrativa desvele a violência do sistema colonial – pensando a condição periférica imposta ao território pelos interesses do capitalismo mercantil –, também reflete a respeito da relação ainda mais antiga do povo e sua cultura com o Oceano Índico.

O trabalho, então, se divide em dois momentos. No primeiro iremos nos debruçar sobre uma cena inicial do romance, para que seja evidenciada em sua estrutura o processo de interlocução das duas temporalidades representadas na narrativa. Esse movimento pode nos ajudar a perceber o trabalho de Coelho de colocar em perspectiva as dinâmicas históricas do território moçambicano e o momento de transição que a narrativa retrata. Isso nos leva à segunda parte do trabalho, em que levamos em consideração os indícios presentes na história de Moçambique para percebermos a metaforização dessas contradições a partir da figura de Ana Bessa.

Ana Bessa, que é mãe de Sá Caetana e Sá Amélia, é uma personagem que pode ser pensada como uma figura capaz de colocar em evidência o desamparo produzido pelo colonialismo desde sua fundação. Carregando os privilégios da elite que detém o poder colonial, mesmo sendo filha daquela terra, Ana Bessa prefigura uma cultura sem referencial fixo. As inquietações que Vicente e as duas senhoras – Caetana e Amélia – que

também protagonizam a narrativa vão apresentar são aspectos da colonialidade que herdamos de Ana Bessa². A representação da história da colonização no território é traduzida por meio da história da família de Amélia e Caetana que precisam fugir do movimento revolucionário com seu criado Vicente. A própria relação das senhoras com Vicente já representa a perpetuação das relações de poder para além do momento de luta contra o colonialismo que a narrativa implica. A partir da leitura das cenas do romance, veremos que cabe a Vicente quebrar esse elo de subalternidade historicamente construído.

No romance temos dois tempos intercalados que se revezam nos capítulos. O primeiro, pelo qual a narrativa se inicia, está alocado no presente. Nele, acompanhamos a chegada de Sá Amélia e Sá Caetana, assim como de seu criado Vicente, ao aeroporto Sacadura Cabral, na cidade da Beira. Esse momento inicial já é marcado pelo signo do desterro – as velhas senhoras estão fugindo da Ilha do Ibo e abandonando suas

² A partir do conceito de colonialidade, pensado por Anibal Quijano (2005), mobilizamos os aspectos de permanência das relações de poder/saber que permeiam o imaginário moçambicano durante a dominação colonial. Essas relações de poder/saber apontadas por Quijano se inscrevem na subjetividade do colonizado como mecanismo de dominação epistêmica, que persiste no corpo social do país mesmo com o fim do colonialismo. Com isso, aproximo a ideia de herança com esse elemento de persistência das colonialidades que devem ser enfrentados constantemente pelo colonizado durante e após a guerra anticolonial.

propriedades aos cuidados do pai de Vicente, Cosme Paulino. Esse deslocamento espacial do Ibo para Beira, do Norte para o Sul, retrata a forma como a guerra anticolonial evoluiu no país, avançando a partir das zonas rurais até regiões urbanas. É nesse tempo da narrativa que temos as “visitas do médico”, o Dr. Valdez, que são orquestradas por Sá Caetana e Vicente. Essas visitas têm como objetivo acalmar Sá Amélia, a senhora mais velha que vinha adoecendo e guardava na memória o cuidado do médico falecido, a quem Vicente personifica. Ao longo das três visitas realizadas por Vicente, a encenação que realiza do médico branco permite ao criado encarar sua condição subalterna e confrontar Sá Caetana enquanto símbolo do poder colonial. O confronto entre servo e senhor aparece na narrativa como forma de retratar o processo pelo qual colonizado e colonizador passam a encarar as mudanças de poder implicadas no processo revolucionário.

A segunda temporalidade inscrita no romance diz respeito à história da família de Sá Amélia e Sá Caetana, em especial de sua mãe, Ana Bessa. A vida de Ana Bessa começa a ser narrada pela história de seu pai. Ele, assim como seu servo, o avô de Vicente, eram contrabandistas que trabalhavam entre a ilha do Ibo e o Muchojo no princípio da colonização. Dessas aventuras comerciais, assim como dos relacionamentos vividos por Ana Bessa, se construiu a riqueza da família que vemos fugir para a Beira no início do romance. O narrador que permanece onisciente ao longo do romance realiza

o trânsito entre ambas as temporalidades livremente, intercalando os momentos vividos pelas senhoras na Beira com suas vidas na Ilha do Ibo. O entrecruzamento de temporalidades confere ao romance a possibilidade de engendrar um olhar crítico referente ao tempo anti-colonial e ao processo de independência e formação de uma nova identidade nacional. Essa crítica parece estar inscrita na relação de permanência das colonialidades representadas na transição do tempo anticolonial para o revolucionário. Digo isso observando a manutenção das relações de poder presentes no passado da família de Vicente e das senhoras, e que essas personagens parecem herdar.

A cena inicial em que temos o primeiro corte entre as duas temporalidades insere na narrativa o choque entre o passado “grandioso” da máquina colonial e o presente decadente desse colonialismo, também representado no corpo de Sá Amélia. O apego ao passado surge da representação do gesto de descuido de Sá Amélia que, doente, incapaz de controlar os próprios movimentos, deixa um monte de moedas cair no chão do aeroporto. Temos, então, a seguinte cena:

Moedas que passaram pelas mãos nervosas de piratas, alisadas pelo seu sarro antigo, cheirando ao suor e ao medo dos escravos; moedas de Goa, austríacas, transportadas em navios com nomes como *Ciuseppe & Tereza*, *Príncipe Ferdinando* e *Santo Antônio das Almas*, alvas como algodão colhido e odiado, ou da cor do sisal e do coco; moedas com a dor e o empenho do trabalho, que revelam a diversidade de um

tempo que vai chegando ao fim. Brilhando mais que todas, grossas libras de ouro inglesas, mais recentes, as rainhas de todas as moedas. Saltam e rodopiam como loucas. Abafadas durante tanto tempo em arca pousada na penumbra de qualquer compartimento, e depois naqueles peitos transitórios, soltam-se alegres pela escada abaixo, espalhando-se pelo espaço amplo da placa do aeroporto. Como se cada uma procurasse seu refúgio. (COELHO, 2019, p. 18)

As moedas contrabandeadas desabam do seu esconderijo na roupa de Sá Amélia e correm pelo chão do aeroporto. Essa cena, com evidente elemento cômico – empregado de forma recorrente pelo autor – é responsável por metaforizar uma crítica direta ao colonialismo. A moeda, meio de troca e símbolo do comércio, é transportada de forma clandestina como último resquício de riqueza que resta do colonialismo. Essas moedas, assim como o ato desesperado de recolhê-las, são o ponto de partida do primeiro deslocamento temporal que nos transporta do momento da chegada das senhoras para a origem do patrimônio herdado por elas. Temos uma suspensão do tempo da narrativa: o narrador nos conta a história do major Ernestino, que se casa com Amélia depois de ser rejeitado por sua mãe Ana Bessa, e cuja riqueza se faz a partir do contrabando de trabalhadores no norte do país. É por esse corte, na cena iniciada no aeroporto da Beira, que somos introduzidos ao segundo tempo histórico presente no romance, inscrito ainda no Ibo, no início do século XX. Aqui temos narrada a história

da família das senhoras, e das riquezas que possuíam no norte do país. Quando retomamos o tempo presente, o narrador coloca:

Cada trabalhador, cada moeda. E agora que tudo se foi tragado pelo tempo, são elas o único vestígio desse esforço passado de patrões e cortadores de cana. E de mulheres feias pilando milho ou entretendo o tédio na varanda, em frente ao mato. Sá Amélia, agitada, vai metendo no corpete as moedas que devolvem, vai recolhendo os restos do seu passado de volta ao lugar aonde pertencem, junto do seu velho coração. (COELHO, 2019, p. 25)

O gesto de apego ao que restou da riqueza familiar se torna ainda mais significativo quando descobrimos, pela narrativa da origem dessas moedas, que se tratava do pagamento pelo trabalho com o tráfico de mercadorias pelo Índico e da venda de trabalhadores para a África do Sul. A transição entre os dois tempos da narrativa, que irá se repetir ao longo do romance, torna evidente que aquele movimento de desterritorialização sofrido pelas senhoras e seu criado funciona como metáfora da transformação da realidade nacional. Cabe, então, a Vicente, assim como a Sá Amélia e Sá Caetana, lidarem com essa herança colonial nesse momento de transição. Como apontado pela crítica³, o

3 É importante salientarmos o extenso trabalho crítico em torno desse romance de João Paulo Borges Coelho. Em especial, trago para reflexão os debates já articulados no livro *Visitas a João Paulo Borges Coelho: leituras, diálogos e futuros*, de Khan *et al.* (2017). Dentro dessa coletânea de textos críticos sobre a obra do autor, evidencio os de Leonor Simas-Almeida e Ana Ilievskia. O primeiro que trata da interlocução entre o discurso literário

processo de mimetização encenado pelo personagem principal por meio da personificação do médico branco funciona como metáfora do processo de tomada de consciência do sujeito colonizado. Como indica Nazir Can (2019, p. 10):

A imitação que faz do Dr. Valdez, na cara e na casa da autoridade, desestabiliza a velha ordem colonial ancorada nas premissas da superioridade racial e científica e, como tal, no privilégio que decorre da primazia e da lei. O jovem procura libertar-se, portanto, de uma vida de submissão que lhe parecia destinada a acompanhar a mudança que, a um nível mais abrangente, se vai anunciando em Moçambique. Contudo, recorda com frequência as palavras de seu pai: o velho Cosme Paulino exigia-lhe que desse continuidade a uma história de servidão, cuidando das senhoras como se de sua própria família se tratasse. A vinculação quase umbilical a dois mundos opostos acentua a ambiguidade das relações entre as personagens, que são convidadas a ocupar distintas posições durante a narrativa.

Nesse sentido, o romance metaforiza de forma evidente os elementos apresentados por Frantz Fanon (2008) em *Pele negra, máscaras brancas*, em especial pela representação do processo de superação do complexo de inferioridade. As três visitas realizadas por Vicente como Dr. Valdez, assim como sua relação com as senhoras da casa e os amigos que faz nas

e o histórico, que me levou a perceber a crítica pós-colonial presente na relação entre os dois tempos históricos da narrativa. E o segundo pela ideia de liminaridade implicada no discurso marcado pela desterritorialização, presente nos deslocamentos que já foram indicados no romance, e a participação das figuras históricas que marcaram o território.

ruas cidade, são narradas de forma a tornar visível como a herança do colonialismo deve ser superada pelo colonizado como maneira de construir uma nova perspectiva sobre si mesmo. A narrativa sobrepõe as temporalidades como forma de tornar evidente as diferenças vividas pela experiência do colonizado e do colonizador.

A performance protagonizada por Vicente, além de ensaiar esse processo de tomada de consciência de seu lugar subalterno, também permite a conjugação de uma nova identidade ao fim do processo. Com a terceira visita, quando já incorpora a máscara de *mapiiko* ao personagem do Dr. Valdez, Vicente tem o último confronto com Sá Caetana, quando ela finalmente lhe serve uma cerveja. O gesto é minuciosamente detalhado pelo narrador, assim como todo o ato de consumir o que foi servido pela colonizadora. No romance lemos:

Também para Vicente as coisas não são fáceis. Recebe o copo que a patroa lhe estende e fica com ele nas mãos, sem saber o que fazer.

Tantas portas para atravessar: o frenético som do *mapiiko* iluminando-lhe os caminhos que é necessário percorrer para se fazer homem; Cosme Paulino, com paterna autoridade, ordenando-lhe que franqueie a porta da lealdade e da paciência; Sá Amélia, a enigmática patroinha, ensinando-lhe a arte vaga das cumplicidades; o Dr. Valdez, por detrás dos seus alvos bigodes, explicando-lhe como sente um homem branco [...] Tantas portas, e olhando para a superfície lisa da cerveja que Sá Caetana tão desajeitadamente serviu, Vicente pergunta-se onde irá dar a porta que vai abrir quando engolir o conteúdo daquele copo. (COELHO, 2019, p. 158)

Essa cena tem a capacidade de amalgamar o sentido plural que a tomada de consciência do colonizado assume. Vicente repensa os valores que o formavam até aquele momento e pela metáfora das portas transforma o sentimento de subalternidade que vinha enfrentando ao longo do romance. Assim, mesmo que simples, o gesto de tomar a cerveja evoca todo o sentido da transformação violenta pela qual o colonizado deve passar na formulação do “novo homem” (FANON, 2005). A descolonização necessitaria, portanto, da mudança desses valores herdados do tempo anticolonial. Nesse sentido podemos pensar como coloca Jacques Derrida em um de seus diálogos com Elisabeth Roudinesco:

Um herdeiro não é apenas alguém que recebe, é quem escolhe, e que se empenha em decidir. [...] Todo texto é heterogêneo. A herança também, no sentido amplo mais preciso que dou a essa palavra, é um “texto”. A afirmação do herdeiro consiste naturalmente na sua interpretação, em escolher. Ele discerne de maneira crítica, ele diferencia, e é isso o que explica a mobilidade das alianças. (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004, p. 17)

A fala de Derrida, embora colocada em torno do debate a respeito de uma tradição do pensamento, elabora uma leitura sobre o conceito de herança que me parece bastante relevante para pensarmos a imagem construída no romance de Coelho. O ato de transformação do pensamento para Derrida implica em um movimento duplo e contraditório em torno do que é herdado. Ser infiel à herança é o método concreto de se apropriar de um

passado e transformar o que é inalcançável em tangível. Pensando a transformação do sujeito colonizado, esse processo significa assumir uma posição ativa diante do que foi herdado, reconhecer sua origem e recuperar o que constitui uma nova identidade. No romance, Vicente assume essa postura revolucionária ao confrontar as memórias que percebe compor uma herança colonizadora. Por meio da máscara de *mapiko* se faz o caminho para se tornar um novo homem, que se encerra no gesto de beber a cerveja servida pela senhora.

Podemos dizer que a transformação de Vicente no tempo transitório faz parte desse método revolucionário. No tempo presente do romance de Coelho temos o processo de emancipação cultural pela alteridade, figurado na relação entre Sá Caetana e Vicente durante as personificações do Dr. Valdez. Esse processo está ligado à figuração da decadência do poder colonial pela doença que se desenvolve no corpo de Sá Amélia. Esse elemento de mudança subjetiva está figurado não só no corpo da personagem, mas também no corpo do território, quando consideramos a relação com o espaço pelo deslocamento já apresentado, da ilha do Ibo para a cidade da Beira. O indício que esse movimento implica é referente ao avanço da independência, que culmina no retorno das senhoras para Portugal e na libertação do país ao final do romance. Na ficção de Coelho, essas relações com o passado e com os poderes coloniais são traços das cicatrizes históricas que precisam ainda ser trabalhadas pelo povo moçambicano que, assim como

Vicente, herda das gerações anteriores os problemas implantados pelo colonialismo.

Os elementos já apontados pela crítica nas três visitas protagonizadas por Vicente são tensões sociais que se constroem na origem da história do território nacional⁴. A fuga do campo para a cidade no tempo presente da narrativa representa o processo revolucionário de retomado de território pelo seu povo, sendo também a cidade o espaço de transformação de Vicente em um sujeito emancipado. Podemos então considerar que a descrição feita pelo narrador das propriedades mantidas pela família de Ana Bessa no Mucojo e na Ilha do Ibo, presentes no deslocamento temporal para o início do século XX, funcionam como panorama histórico da presença do colonizador naquele território.

Algumas perguntas são importantes: o que então representa esse espaço ficcionalizado e a figura de Ana Bessa? Tendo em vista que Sá Amélia e Caetana são corpos capazes de figurar a decadência do colonialismo, de que maneira Ana Bessa também carrega as marcas contraditórias da história do povo moçambicano?

A literatura moçambicana se desenvolve conjuntamente com a história do país. Em sua conferência

⁴ Esse também produto da colonização, se pensarmos a Conferência de Berlim e como foram ignoradas as dinâmicas culturais presentes em cada território do continente africano.

ao Primeiro Congresso Internacional do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGLEV/UFRJ), Francisco Noa (ESCRITAS..., 2020) fez do tema de sua comunicação o tom cosmopolita que a produção literária contemporânea de Moçambique tem tomado. É interessante considerarmos, assim como Noa, que essa tendência corresponde ao trabalho de ficcionalização de um espaço que é historicamente marcado pelo contato com diversas culturas. Partindo dessa ideia de cosmopolitismo originário, o Índico pode assumir traços distintos no campo literário moçambicano. Se alguns autores optam por um discurso conciliador da cultura do país, projetando um desejo de unidade nacional, outros parecem lançar um olhar crítico sobre as relações culturais que marcam a história de Moçambique.

João Paulo Borges Coelho parece fazer opção pelo olhar mais crítico sobre os encontros que marcam o espaço do Índico. Fugindo de uma representação harmoniosa, o Índico surge sob o signo da exploração colonial. Por ele trafegam os comerciantes que buscam enriquecimento próprio, e em suas margens se constroem as cidades coloniais. Ana Bessa, concomitante ao espaço em que é concebida – a ilha do Ibo – torna-se uma figuração do encontro entre o povo local e o oceano, assim como a relação da terra com poder colonizador. O autor indica uma reflexão sobre a história do povo pela figuração do embate cultural que pode constituir o hibridismo moçambicano. Em vez de apontar a

possibilidade de conciliação pela experiência comum, a narrativa recorre a indícios das feridas históricas que o colonialismo implica naquela experiência coletiva. Sendo assim, *As Visitas do Dr. Valdez* reconhece que essa experiência colonial é distinta para cada camada da sociedade moçambicana, e cabe a cada sujeito lidar com essa herança. Em *As Visitas do Dr. Valdez* observamos esse elemento na seguinte cena:

Diz-se que em momentos de tristeza costumam as mulheres desta costa ficar olhando o mar. Este quase ritual terá surgido porque se trata o Índico de um mar de passagem, de onde desde tempos imemoriais costumam vir belos marinheiros semeando promessas por cumprir. Um deles cumprirá a sua, um dia. (COELHO, 2019, p. 23)

O Índico se torna espaço marcado pelo interesse mercantil. O sentido mais primordial do colonialismo, a exploração da terra e do seu povo, é elemento base de construção da identidade dos sujeitos retratados na narrativa. Ana Bessa tem suas riquezas construídas por meio do tráfico de armas e de prisioneiros que seu pai realizava no pequeno barco *dhow*. Da mesma forma que os maridos de Amélia e Caetana, suas filhas, perpetuam o projeto colonial com a exploração das riquezas locais. Essas mulheres parecem figurar como corpos subalternizantes – detentoras dos privilégios coloniais –, mas também corpos subalternizados – vítimas das dinâmicas de poder daquele espaço marcado pelo encontro com o colonizador.

O contato com o Índico se encontra sempre relacionado com as consequências dos interesses mesquinhos dos povos que cruzaram esse espaço. Os corpos femininos, abandonados ou adoecidos, são um indicativo da terra que historicamente foi atravessada pela máquina da exploração. Se as visitas realizadas na cidade da Beira são o mecanismo de formulação de um novo sujeito, este deve elaborar uma maneira de romper as marcas herdadas pelos corpos e espaços colonizados. Ana Bessa, como imagem original das contradições do colonialismo, tem sua história carregada de hibridismos, assim como a terra em que cresce. Como é descrito no romance:

Nasceu a menina junto de cestas de amêijoas, cheirando ao cheiro do mar, e só não teve o destino que normalmente têm os filhos destas mulheres porque o pai lhe deixou casa e terras, tudo isso amealhado com os proventos dos seus obscuros negócios ao longo do tempo em que eles duraram. [...] Ana Bessa cresceu com o menino filho do marinheiro, pouco sabendo de seu pai. Os portugueses iam já tomando conta da terra e o velho traficante era um espinho descravado do qual não era bom nem lembrar. Herdou ela, porém, a altivez do pai, tão contrária à natureza da mãe, que passara a vida inclinada para o chão, catando amêijoas. Enquanto isso o menino herdava também a maneira de servir de seu pai. [...] Casaram-se os dois quase na mesma altura. Ana Bessa com um despachante encartado indiano, o menino com uma mulher do povo. Os dois tiveram filhos. Ana Bessa, um Francisco, que morreu quase no berço, de uma injeção estragada, e logo a seguir uma Amélia – Maméia enquanto criança –, a tal que casaria mais tarde com o major Ernestino Ferreira. O criado, por seu turno, teve um rapazinho que Ana Bessa quis que fosse seu *mbwana* e achou ter cara de Cosme, e por isso Cosme ficou. (COELHO, 2019, p. 44)

Ana Bessa, descrita enquanto matriarca da família, funciona como metáfora do próprio espaço em que nasceu. Fruto do encontro de um traficante do Índico com uma catadora de amêijoas, seu corpo já incorpora o sentido de encontro também da terra com o mar. A posição de privilégio que detém na sociedade, herdada de seu pai, é consequência do histórico de exploração daquela terra da qual também é filha. Essa contradição se torna ainda mais profunda quando percebemos a conservação das relações de poder sobre a família de Vicente e os demais trabalhadores. Ana Bessa realiza a manutenção das colonialidades, ao mesmo tempo em que não deixa de ser objeto de desejo e controle dos homens que tentam prosperar naquele lugar.

A matriarca da família acaba por assumir a postura do olhar que se perde no oceano Índico, parece uma figura estranha aos privilégios que a rodeiam. Filha das aventuras mercantis que marcam esse espaço, o sentido trágico que parece acompanhar sua vida fica evidente no fato de que se torna viúva do marido indiano e depois é abandonada pelo comerciante alemão, ambos pais de suas filhas, Amélia e Caetana. Assim, esse corpo vinculado à terra se constrói como produto do crescente poder colonial mas parece avesso ao sentido “grandioso” que essa condição preconiza. O mito civilizatório oculta a face real que mascara, marcada pela exploração e pelo abandono.

Os valores presentes nessa sociedade colonizada são superados por Vicente ao romper com a posição subalterna no tempo presente. O momento revolucionário da

narrativa é carregado justamente com as inquietações de Vicente e os conflitos identitários com Sá Caetana. Para isso o passado que temos narrado funciona como uma lente que permite que vejamos como a construção do poder colonial também é marcada pela tensão histórica presente em figuras como Ana Bessa, que parecem retratar, já na origem do colonialismo, as consequências negativas da exploração do povo e do território.

Sendo assim, é interessante pensarmos como o significado presente na cena inicial do aeroporto se torna uma prefiguração da própria crítica histórica implicada na estrutura da narrativa de Coelho. Os objetos que Amélia tenta desesperadamente resgatar constituem a encenação do apego aos privilégios que o período de colonização proporcionou para aquela elite social. Porém, ao sermos apresentados ao complexo esquema de culturas que marcam o espaço de contato com o Índico, na Ilha do Ibo, acabamos sendo confrontados pela figura de Ana Bessa. Mesmo carregando a riqueza fruto da exploração colonial, não podemos deixar de nos afetar pela história dessa mulher que tem um vínculo direto com a terra e que, como ela, sofre as consequências do colonialismo. A chegada das velhas senhoras na cidade da Beira, junto com Vicente, é o ponto inicial de ruptura com essa herança do passado colonial.

Referências

- CAN, Nazir Ahmed. O criado, o criador e outras criaturas: notas sobre As visitas do Dr. Valdez e a escrita de João Paulo Borges Coelho. Prefácio. In: COELHO, João Paulo. *As visitas do Dr. Valdez*. São Paulo: Kapulana, 2019. p. 09-13
- CAN, Nazir Ahmed. *O campo literário moçambicano*: tradução do espaço e formas de insílio. São Paulo: Kapulana, 2020.
- COELHO, João Paulo Borges. *As visitas do Dr. Valdez*. São Paulo: Kapulana, 2019.
- DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. De que amanhã... Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- ESCRITAS africanas: entre textos e instituições literárias. Rio de Janeiro: UFRJ, 2020. 1 vídeo (130 min). Publicado pelo canal Congresso Internacional – PPGLEV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=27r7y-saZv8>. Acesso em: 10 abr. 2023.
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Edufba, 2008.
- KHAN, Sheila et al. (org.). *Visitas a João Paulo Borges Coelho: leituras, diálogos e futuros*. Lisboa: Colibri, 2017.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227-278.